

reportagem cultural

O universo do sebo, segundo Mauro Scheuer, da Ladeira Livros

Rafael Gloria *

Ao longo de três décadas trabalhando com livros, Mauro Scheuer, da Ladeira Livros, entende que os sebos funcionam também como espaços de memória, encontro e observação da vida cotidiana. Pelos balcões passam os mais variados tipos de pessoas com diferentes anseios e desejos. Foi dessa convivência que nasceu *Croniquetas do Atendente*, livro em que reuniu episódios inspirados nas situações presenciadas na livraria. “O livro abre espaço para as pessoas falarem”, resume.

Enquanto os funcionários embalam encomendas, cadastram exemplares ou organizam estantes, clientes entram para procurar livros, pedir indicações ou simplesmente conversar. Alguns compartilham opiniões sobre política, literatura ou filosofia. Outros contam passagens da própria vida. Há quem chegue apenas para trocar uma ideia. “Quando as pessoas chegam ao sebo, elas se mostram, conversam e acabam revelando alguma coisa de si”, conta.

Mas existe um segundo universo que alimenta as histórias do livreiro: as visitas às bibliotecas particulares colocadas à venda.

Nesses encontros, diz ele, os livros funcionam como pistas biográficas. “As pessoas contam suas histórias a partir dos livros. Você consegue enxergar parte da vida do dono a partir do que ele comprou”. Ao longo dos anos, Mauro passou a enxergar as bibliotecas como retratos de trajetórias. Um economista deixa rastros de debates sobre questão agrária e economia rural. Um professor revela suas leituras de formação. Certos títulos aparecem repetidamente em coleções de uma mesma geração, registrando modas editoriais, interesses acadêmicos e hábitos de leitura de determinada época.

Foi justamente nesse universo de encontros, despedidas e conversas improváveis que surgiram algumas das histórias mais curiosas acumuladas ao longo da carreira. Uma das que mais gosta de contar aconteceu no final dos anos 1980, quando ainda mantinha uma banca de livros na Ufrgs. Um colega sebia indicou uma senhora que desejava vender alguns volumes em um antigo apartamento da Duque de Caxias. O local era escuro, quase vazio, e a proprietária parecia viver apenas cercada por alguns santos e uma estante de clássicos da literatura. Depois de negociar os



FABIOLA CORREA/JC

Sebos como a Ladeira Livros se transformam em espaços de memória e convivência entre leitores de diferentes idades

livros, a mulher começou a fazer comentários sobre a vida pessoal do livreiro, mencionando um sítio que seus pais tentavam vender. “‘Tu és uma pessoa muito boa. Tua mãe e teu pai querem vender um sítio, mas tem uma pedra no meio do caminho’. Depois me orientou a pedir para minha mãe pegar uma pedra e jogá-la para o lado, porque assim conseguiriam vender o terreno. Falou outras coisas também, algumas sem sentido, e disse que estava vendendo os livros porque estava ‘desencarnando’. Achei tudo muito estranho, mas liguei para minha mãe e repassei o recado. Um tempo depois, eles venderam o sítio”, recorda Mauro. “Resolvi vol-

tar ao apartamento para agradecer. Bati na porta, ninguém atendeu. Foi quando um vizinho me disse que aquele apartamento estava desocupado havia mais de 20 anos. Eu sou materialista dialético, marxista de formação, mas essa história eu nunca consegui explicar direito”, relembra, entre risos.

Ao mesmo tempo, Mauro observa que o trabalho mudou. Se antes boa parte das avaliações acontecia presencialmente, hoje muitas negociações começam com fotografias enviadas pelo WhatsApp. As vendas também migraram para o ambiente digital. Atualmente, cerca de 60% dos livros vendidos pela Ladeira saem pela

internet. Mauro lamenta a perda de sociabilidade provocada pela digitalização das vendas, mas reconhece que as plataformas online se tornaram fundamentais para manter o negócio funcionando. Depois da pandemia, das enchentes de 2024 e do esvaziamento comercial do Centro Histórico, elas passaram a representar uma parcela importante do faturamento da livraria. “Por incrível que pareça, a Amazon está salvando a minha livraria”, afirma. “As pessoas acham engraçado. Dizem: ‘o cara é de esquerda, conta histórias esotéricas e defende a Amazon’. E eu respondo: a vida é feita de contradições.”



TÂNIA MEINERZ/JC

André e Silvana, da Avenida; ao colo, a cachorra Geralda, 'sócia' da livraria

Aprendendo a se adaptar, com André Gambarra, da Livraria Avenida

O livro chegou dentro de um saco de linhagem, carregado por um homem que estacionou uma carroça no Centro de Porto Alegre. Era uma manhã de sábado, no fim dos anos 1990. André Gambarra ainda dava seus primeiros passos como livreiro quando o vendedor entrou oferecendo um lote de livros usados.

“Comprei tudo por cerca de R\$ 50,00. Havia revistas jurídicas, alguns volumes de literatura e livros sem grande aparência de valor”, lembra. Só mais tarde, enquanto limpava os exemplares, percebeu que um deles era diferente. Tratava-se de uma primeira edição de *Mensagem*, de Fernando Pessoa. Mais: o volume trazia uma dedicatória assinada pelo próprio poeta português.

“Foi uma emoção. Eu lembro de chamar o Zeca Poli (histórico livreiro da cidade) para olhar e perguntar que edição era aquela”, recorda Gambarra. “Quando percebemos o que tínhamos nas mãos, sabíamos que era algo muito raro.” A história

se tornou uma das mais conhecidas no meio na época. O exemplar acabou adquirido por um professor universitário e colecionador.

Atualmente, André é um dos sócios da Livraria Avenida, próxima à Santa Casa, e também atua em leilões especializados em livros raros, fotografias e documentos antigos. Mas a trajetória começou muito antes, em um Centro que ele descreve como diferente do de hoje, em uma Porto Alegre que concentrava dezenas de distribuidoras e livrarias. “Era um ecossistema inteiro do livro”, lembra. “A Sulina era fortíssima, a Globo tinha várias filiais, havia a Livraria Lima, a Vozes, a Livraria do Advogado.”

A memória do livreiro é povoada por cenas que hoje parecem pertencer a outra cidade. Aos sábados, o Centro fervilhava. Na Riachuelo, leitores circulavam entre sebos, estudantes de RPG ocupavam a galeria em que ficava a Planeta Proibido, advogados saíam carregando pilhas

de livros jurídicos e grupos de amigos terminavam a tarde em cinemas, pizzarias e bares. “Era muito vivo. A gente fechava a livraria e ainda tinha um monte de coisas para fazer no Centro. Saía às oito da noite tranquilamente”, recorda.

Nos últimos anos, os desafios se multiplicaram. Depois da pandemia, veio a enchente de 2024. Durante semanas, o livreiro precisou subir 14 andares de escada para acessar o estoque e atender pedidos feitos pela internet. “Foi muito mais impactante para nós do que a pandemia”, afirma. Até hoje, clientes contam histórias de bibliotecas perdidas na água.

A galeria onde funciona a Livraria Avenida já teve supermercado, lojas e um fluxo constante de pessoas. Hoje, muitos espaços estão vazios. Ainda assim, ele não acredita no desaparecimento do livro físico. “Penso que o livro vai continuar existindo. Talvez com tiragens menores e edições mais cuidadas. Mas vai continuar.”